A. K. Chesterton

Credo de um Revolucionário Fascista

A. K. Chesterton

Credo de um Revolucionário Fascista

Libro & Moschetto

Fascista Perfetto

Sumário

I. Perigos da Tolerância.....5
II. A Luta Contra a Decadência.....8
III. Traição Política.....11
IV. Individualismo Pagão.....14
V. Liberdade Fascista.....17
VI. A Vida Camisa-Negra.....20
VIII. As Luzes de Londres.....26
IX. Aos Guerreiros Mortos do Império.....29

“O burguês diz: ‘A vida é para aproveitar’. E aí o inimigo, à espreita, sempre atento, começa com o que é seu: intromete-se por meio da internet, da televisão, e as pessoas aceitam tudo.

Assim, chegamos à situação atual no mundo.”

“**Hoje somos uma minoria, mas é a minoria que faz a história, e não a massa.**

A massa carece de idealismo.”

“**Não somos os últimos de ontem; somos os primeiros de amanhã.” -** Federico Rivanera Carlés, ¡Presente!

I. Perigos da Tolerância.

O povo da Grã-Bretanha não é versado no uso da ira. É por isso que nossos políticos dormem tão tranquilamente à noite, e que nenhum terror noturno paira em torno dos travesseiros dos nossos magnatas da Imprensa, nem perturba os sonos beatíficos dos nossos malabaristas do dinheiro. A indignação que se derrete diante das lisonjas dos jornais ou é convenientemente desviada pelas mentiras dos jornais não é do tipo que faz arrastar carroças de condenados pelas ruas sob o brilho de um pôr do sol vermelho-sangue.

Argumenta-se que os defeitos que tornam os britânicos péssimos revolucionários representam qualidades genuínas no caráter nacional — por exemplo, o que o jornal Ostrer chama de “o esplêndido espetáculo da sanidade da Grã-Bretanha” se resume a esta aparente incapacidade de sentir ira.

Os realistas que usam tais termos são imediatamente suspeitos. Eles sabem que uma raça de homens que aceita de bom humor que sua vida nacional assuma o aspecto de uma gigantesca charada, enquanto toda sorte de pilhagem financeira e trapaça política opera em seu prejuízo nos bastidores, não pode, por nenhum esforço da imaginação, ser considerada sã. Quando tais pessoas nos congratulam por nossa sanidade, portanto, o que estão realmente fazendo é congratular a si mesmas por sua falta de familiaridade íntima com nossos postes de luz.

O perigo de nossos povos reside precisamente nessa tolerância da qual são ensinados a se orgulhar tanto. Que sejamos um povo moderado não nos desabona, exceto pelo fato de que, em toda parte, nossa brandura é explorada. Que nossos espíritos busquem a paz não é uma acusação contra nós, exceto pelo fato de que, em toda parte, nossa tranquilidade fornece solo para o cultivo de senhores supremos que são primos de sangue da larva e da sanguessuga.

Não há esperança de salvação nacional até que os britânicos aprendam a enxergar através de sua tão alardeada virtude da tolerância e saquem a ira como uma espada para varrer a podridão que essa mesma tolerância gerou.

As sociedades já avançaram muito na depravação quando a tolerância é considerada boa em si mesma, sem levar em conta aquilo que é tolerado.

Na caótica mistura de ideias democráticas, a tolerância é confundida com o humanitarismo. Não fosse por essa confusão, tão assiduamente fomentada, nossa moderna civilização comercial mal poderia ter sobrevivido ao próprio nascimento. Nunca, nos anais humanos, a lei do dente e da presa foi exercida com intensidade tão selvagem quanto durante os últimos cem anos; ainda assim, ao longo de todo esse tempo, o povo da Grã-Bretanha se envaideceu de viver numa terra "onde a liberdade se amplia lentamente, de precedente em precedente," e acreditou que, ao tolerar os males mais monstruosos e palpáveis, estava servindo ou à vontade de Deus, ou então àquela divindade mais estranha e mais misteriosa a quem chamava de Evolução — em qualquer dos casos, que agia como homens e mulheres sábios, no interesse da humanidade. Se lhes houvessem dito que sua atitude não era humanitária, mas a negação de todo valor humano, teriam ficado surpresos e magoados, porém completamente incrédulos.

Que os resultados julguem a questão. Embora a reforma e a mitigação de alguns dos males mais grosseiros tenham avançado um pouco, lutando por cada palmo do caminho, seu progresso é infinitamente menor que o da charlatanice organizada e da pilhagem que despertaram a ira de Carlyle um século atrás, e que hoje o deixariam sem fala e desfalecido.

O fascismo entra em cena para insistir que a ira, longe de ser aparentada à loucura e o vício peculiar do bárbaro, é indispensável ao progresso ordenado da humanidade. Temperada e disciplinada, ela se torna talvez a principal de todas as virtudes sociais que redimirão o mundo. Não que as ruas da Alegre Inglaterra devam correr vermelhas de sangue; não que cabeças venham a rolar na areia. O revolucionário fascista se recusa a considerar as vidas dos charlatães e malabaristas suficientemente valiosas para serem destruídas. O que será destruído é a tolerância que constitui seu terreno fértil, juntamente com os sistemas políticos e econômicos que eles moldaram com tanta habilidade ao desejo de seu coração.

Daí em diante, toda tentativa de reintroduzir um materialismo degradado e um padrão de moralidade comercial e política que desonraria as feras do campo encontrará não a complacência estupefata de uma raça

enganada e entorpecida, mas uma ira fria, implacável, montando guarda como sentinela no limiar das decências permanentes da vida.

Então, de fato, será testemunhado “o esplêndido espetáculo da sanidade da Grã-Bretanha,” embora sem dúvida as instalações da Imprensa Ostrer não sejam enfeitadas em honra do dia.

II. A Luta Contra a Decadência.

A paciência do povo britânico em suportar injustiças, representando um dos triunfos mais desoladores da Democracia, em nenhum lugar alcança soberania maior do que entre a massa de pessoas que, ao menos nominalmente, está em revolta contra a injustiça organizada do sistema econômico existente.

"Também servem aqueles que apenas ficam parados e esperam," admirável lema para o Conservadorismo, poderia ser inscrito com igual veracidade na Bandeira Vermelha, já que a maioria daqueles que deveriam estar assaltando as barricadas do sistema econômico, no papel de revolucionários honestos, foi de tal modo anestesiada pela filosofia predominante do último século que não se oferece a ir além de atuar como patrona da evolução, aspirando a ver as barricadas perecerem por conta própria.

É isso que chamam de "Inevitabilidade da Gradualidade," e, em um aspecto importante, estão inteiramente certos — o sistema econômico atual está, de fato, desmoronando. Acontece apenas que o mesmo processo, ao mesmo tempo e em ritmo imensamente acelerado, está alcançando a nação inteira.

Enquanto esses "Progressistas" inertes ficam remendando, contemporizando e travando suas batalhas de fachada dentro e fora do Parlamento, a Grã-Bretanha — outrora tão orgulhosa, viril e majestosa — se desfaz em dissolução, com seus alicerces corroídos pela luxúria financeira e comercial, sua superestrutura abalada pela ineptidão política, pela covardia e pela corrupção, sua moral destruída pelas discórdias espirituais da guerra de classes, e sua antiga grandeza assaltada por todas as forças da decadência que aparecem quando não há antitoxina de esforço corajoso e construtivo para manter o povo em estado de exercício e saúde. Nada é mais fácil do que postular um estado ideal e depois presumir que a Providência, partilhando da mesma visão, trabalha com lenta precisão e infinita sabedoria para alcançá-lo. Nada é mais fácil — e nada é mais desastroso.

As Gerações dos Perdidos, de seus pontos de observação nas esquinas, esperam em vão que a visão se materialize, e, depois que os homens sem esperança passaram à deriva, amanhece um dia em que fica evidente para

todos que o bravo mundo novo não chegou, mas que o velho mundo ruim piorou, e que aquilo que foi outrora um império grande e rico afundou até as proporções de um Estado vassalo, pobre, acossado pela pobreza, fraco e cheirando a corrupção e sepultura.

Assim, não há confiança a ser depositada nem naqueles que conservariam um sistema mau e decadente, nem naqueles que se alegram em ver o sistema cambalear e se mostram descuidados diante da destruição simultânea de uma soberba raça de homens.

Estes são dias perigosos para a nação, cujas enfermidades profundamente arraigadas não podem ser curadas pelos remédios falsos dos políticos, mas apenas pela cirurgia drástica de uma revolução fascista.

O preço a ser pago pela revolução implica o sacrifício de muitas ilusões acalentadas, entre elas a noção complacente de que o progresso é inerente ao esquema social das coisas.

Temos de encarar uma verdade que para muitos não será agradável — a de que a tendência social está sempre na direção da desintegração. Aqui há pouco consolo para os reformadores que deixam seu trabalho a cargo dos processos do tempo. Contudo, os homens de verdade, longe de ficarem desalentados, lerão nessa ordenança uma necessidade ainda maior para o desenvolvimento de “músculo” espiritual, sabendo que o futuro da civilização repousa inteiramente sobre eles e sobre o esplendor de sua coragem.

Poderá o esforço humano bastar para salvar nossa nação do declínio e forjar para ela a revolução que assegurará que desfrute de uma vida mais abundante nos anos por vir? Essa é a questão que a Providência lança sobre nossas cabeças, e apenas o Fascismo está pronto com uma resposta. As legiões dos Camisas-Negras marcham pela rua em resposta ao desafio.

Os Camisas-Negras ouviram o “toc, toc, toc” do Besouro-da-Morte Nacional, e nunca mais estão fadados a repousar em paz. Doravante, servem como soldados da vida cívica da Grã-Bretanha, guerreando eternamente contra todos os fatores disruptivos que conspiram para levar esta nação à sua ruína.

Não há outro caminho, nenhuma outra esperança. Os artífices do compromisso eterno fizeram o seu melhor — ou o seu pior. Nenhuma nova desculpa os aguarda, e agora devem dar lugar ao fanático que sacrificará tudo por sua causa.

A civilização do futuro não será servida pelo prestidigitador e pelo *flâneur*, mas por homens e mulheres no rubro calor da sinceridade: homens e mulheres que construirão sua vida coletiva com o suor e a agonia do trabalho, e interpretarão essa construção como o propósito cardeal de suas vidas.

Seu trabalho, em etapa alguma, será fácil, menos ainda nestes dias da revolução que planejam. A enfrentá-los não está apenas o conservadorismo daqueles que defendem o presente, mas ainda mais o conservadorismo daqueles que professam rebelar-se contra ele. Como uma gigantesca farsa foi perpetrada contra o povo da Grã-Bretanha durante cem anos, agora metade deles está nas dores de uma falsa rebelião. A desilusão chegará a tempo?

III. Traição Política.

A traição do eleitorado por homens que quebram suas promessas e servem a interesses outros que não aqueles confiados aos seus cuidados é lugar-comum em nossa vida política atual. O cinismo parlamentar, e as "negociatas" ocultas sob sua superfície, estão todos do lado dos traidores, assim como, de fato, toda a conspiração social. A perfídia é agora aceita como uma questão de rotina.

Aqueles que chegaram ao poder prometendo pôr fim a essa desgraça se mostraram não mais confiáveis do que aqueles que procuravam suplantar. O feito deles é quase o milagre de ter o bolo e comê-lo também, pois ainda são aclamados como os reformadores destinados a inaugurar o novo mundo, por mais tenazmente que se agarrem aos prêmios muito consideráveis que o velho mundo tem a lhes oferecer.

Não admira que homens tão profundamente comprometidos mantenham seus credos revolucionários no gelo e nunca os tragam à tona, exceto quando não há o menor risco para a manutenção do *status quo*.

É concebível que os mais honestos entre esses demagogos narcotizem suas consciências com a crença de que as massas exaustas, que labutaram por seu triunfo, se contentam em que homens tão notáveis as representem, sem pedir o avanço das políticas que haviam planejado. Existem seres humanos, como sabemos bem demais, incapazes de imaginar qualquer objetivo desejável além de sua própria investidura nas rédeas do controle. A Democracia, admirando tamanha vaidade inconquistável, sempre busca esses homens para serem seus Primeiros-Ministros.

De todo modo, nossos políticos fazem bem em aproveitar enquanto o sol da estupidez popular brilha sobre eles, pois se aproxima rapidamente o dia em que a Revolução Fascista porá fim às suas atividades. Ainda lhes é possível iludir-se pensando que nada têm a perder além de seus assentos, e até essa questão, segundo o costume imemorial, não dependerá do mérito do caso. Seus eleitores provavelmente jamais

espiarão o Hansard, muito menos os documentos que não são publicados para que o mundo inteiro leia.

À primeira vista, eles têm toda razão para supor que, assim como foi no passado, assim será no futuro; que o único negócio que se pode administrar mal com segurança é o negócio nacional, e que o único interesse que se pode deturpar com segurança é o interesse nacional.

Não obstante, aqueles dentre eles com o ouvido mais próximo do chão evidentemente desconfiam de sua segurança presente, e não sem motivo.
Sabem que uma justiça retributiva está se preparando para pesar na balança suas realizações contra suas promessas. Sabem que a marcha dos Camisas-Negras rumo ao poder traz bem alto a balança e, com a balança, o cadafalso para muitos políticos reprovados.
Daí o esforço frenético para esmagar nossa causa fascista. Os políticos não abandonarão esse esforço levianamente, tão caro lhes é seu presente estado de liberdade.

Os cargos mais elevados, porém, devem trazer as maiores responsabilidades, e somente chamando à responsabilidade aqueles que ocupam grandes postos é que o governo responsável pode se tornar algo mais que um fruto da imaginação democrática. É por isso que o Fascismo introduzirá na representação popular um novo elemento. Já não será seguro recusar um tratamento justo ao eleitorado.

Obter votos por falsos pretextos, por exemplo, será considerado não menos criminoso que o roubo em larga escala, e o homem que abusa de sua posição como fiduciário da nação enganando os eleitores, promovendo um interesse setorial às custas do interesse nacional, ou promovendo seu próprio interesse em qualquer forma que não esteja associada à mais estrita integridade, muito em breve se verá tratado como inimigo do povo que ele trai.

Grande como será, sob o Fascismo, a mudança da franquia geográfica para a ocupacional, pela qual os eleitores já não votarão em políticos de carreira, mas em técnicos que compreendam suas necessidades especiais,

haverá uma mudança ainda maior no status e no espírito da representação popular.

Os homens que chegarem ao topo sob esse sistema serão, em um sentido muito real, os eleitos do povo, tendo eles próprios passado pela mó da indústria e se mostrado, aos olhos de colegas que não se deixam enganar com facilidade. Sua distinção, ao contrário das distinções fabricadas de hoje, será tudo menos espúria.

Estarão entre os aristocratas da nova sociedade sem classes que o Fascismo construirá — aristocratas por direito de caráter e mérito. Os assuntos públicos, já não entregues à pilhagem desenfreada, serão administrados por eles como um encargo sagrado, e eles desfrutarão do apoio de toda a cruzada Camisa-Negra para manter uma vigilância incessante e guardar a recém-descoberta integridade da vida nacional — uma integridade em cuja formação o Fascismo está destinado a encontrar sua expressão suprema e deixar sua marca mais duradoura na história do homem.

IV. Individualismo Pagão.

Nenhum aspecto da filosofia fascista suscita debate mais inflamado do que a ênfase posta na importância suprema do Estado como guardião do destino político e econômico do homem.

Não nos surpreende que os democratas discutam conosco a esse respeito, já que veem no Estado apenas um agente para manter as massas em ordem, enquanto o individualismo desfruta de livre campo e iniciativa — uma visão que representa uma peça de barbárie camuflada tão bela quanto até o moralista político mais desonesto poderia desejar.

A liberdade, em sua forma mais elevada, é para eles a liberdade do indivíduo mais poderoso de capturar a máquina do Estado e administrá-la em benefício próprio, sem reconhecer qualquer dever preponderante do Estado de agir em nome da comunidade em geral.

O que espanta, porém, é que os social-democratas tomem posição ao lado dos partidos mais antigos na manutenção dessa concepção, e a apresentem como um ideal a ser defendido contra a “tirania” fascista.8 Os social-democratas supostamente defendem a posse, pelo Estado, de todas as fontes de subsistência da nação — e, no entanto, professam negar ao Estado a supremacia sobre suas partes componentes! Nos simplórios, uma atitude tão estranha significa pensamento confuso. Naqueles que estão longe de ser simplórios, significa uma palavra mais sinistra.

Os fascistas rejeitam o princípio da propriedade estatal dos meios de produção, distribuição e troca, mas, se aceitássemos esse princípio, nosso argumento pela supremacia do Estado acima de todo interesse individual ou setorial conflitante teria uma força ainda maior, pois, sem ela, o fiasco socialista seria inconcebivelmente mais catastrófico do que o fiasco atual do Liberalismo Econômico. Em outras palavras, se fôssemos socialistas, nós nos encontraríamos, como homens de honestidade intelectual, no campo comunista.

A razão pela qual não nos encontramos nesse campo, além de nossa fé apaixonada na estrela de nossa nacionalidade, é que acreditamos que a

iniciativa privada é muito mais eficiente que a iniciativa pública, desde que seja levada a funcionar dentro dos limites de uma economia planejada para o benefício do povo, em vez de para sua exploração. Enquanto incentivamos a iniciativa privada, nossa tarefa não é manter as massas em ordem enquanto o *individualismo* se entrega à folia desenfreada, mas manter o individualismo em ordem para que as *massas* possam desfrutar daquilo que nunca tiveram antes — liberdade econômica para chamarem suas almas de suas próprias.

Desde a Revolução Industrial, a iniciativa privada tem governado os governos: aproxima-se agora o dia em que os governos deverão evitar o desastre governando a iniciativa privada.

O homem que realmente acredita que tal realização é possível sem conceder ao Governo o mais pleno poder de agir, e de proteger suas ações contra a força terrível dos interesses estabelecidos, pode ganhar muito crédito em virtude de seus belos sentimentos, mas, ainda assim, é um tolo.

Nada poderia ser mais fútil do que argumentar, como quase todo crítico do Fascismo de fato argumenta, que, na medida em que o Estado existe para o indivíduo, e não o indivíduo para o Estado, a ênfase não deveria ser posta no Estado, mas no indivíduo. A premissa está correta; a conclusão é puro disparate.

É verdade que o Estado existe, ou deveria existir, para o indivíduo, mas por isso se entende todos os indivíduos, e o que é a vida coletiva de todos os indivíduos senão a vida do próprio Estado? Por essa razão, fica claro que os realistas que insistem nas reivindicações do indivíduo contra as do Estado estão promovendo a causa de pessoas cujas atividades conflitam com o interesse geral e são, portanto, antissociais, não merecendo legislação favorável alguma, mas proscrição.

Na Grã-Bretanha Fascista, receberão o que lhes é devido. Exigiremos de todo cidadão que seus métodos coincidam com os objetivos nacionais. De outro modo, não pode haver solução para nossos problemas. A verdade mística do paradoxo de que, para ter vida, um homem deve primeiro perdê-la está destinada a desempenhar um papel muito amplo e

prático na ordenação fascista dos assuntos. Para que possa desfrutar da liberdade, o cidadão do futuro deverá perdê-la para o Estado.

Uma de nossas muitas descobertas durante a guerra foi que, nos batalhões em que a disciplina era mais firme, os homens eram mais felizes e seu moral mais seguro.

Há um prazer sólido em fazer parte de uma comunidade na qual cada indivíduo conhece seu trabalho e o executa da melhor maneira possível; em última análise, é duvidoso que exista qualquer outra felicidade social real.

De modo semelhante, é miserável trabalhar numa atmosfera em que todos tentam escapar de seu dever ou ordenar as coisas de tal modo que pontuem contra seus colegas em vez de colaborar com eles. Seres humanos que se recusam a submeter-se a um propósito comum mais elevado que seu próprio propósito egoísta não produzem nada além de egoísmo, traição e ganância.

São essas as qualidades desagradáveis que os defensores da velha filosofia democrática desejam salvaguardar. Quando pleiteiam apoio em sua luta contra o Fascismo, usam muitas palavras altissonantes, mas o que exigem na realidade é a continuação de uma civilização comercial, em essência, impiedosa e pagã, que lhes permite enriquecer com a miséria e a insegurança das grandes massas de seus compatriotas.

A retórica já não serve para ocultar essa realidade, que o Fascismo está se mobilizando para esmagar.

O Estado deve ser supremo. Essa é a nossa determinação implacável, não porque pensemos pouco demais nos indivíduos que compõem o Estado, mas porque pensamos demais.

V. Liberdade Fascista.

Tentou-se definir os limites além dos quais a liberdade não exercerá soberania no Estado fascista; a linha de demarcação sendo sempre o bem-estar espiritual e material de nosso povo.

Nas terras estéreis que ficam do lado errado da linha, é provável encontrar uma notável variedade de indivíduos, todos eles espiritualmente incapazes de assimilar o ideal da vida corporativa.

Esse cavaleiro marxiano verdadeiramente perfeito, Vance II, junto com outros pedantes desequilibrados e sem humor, sem dúvida passará seus dias trocando reminiscências com James Douglas; Beaverbrook e o pequeno e triste Joad formarão uma estranha dupla de companheiros de cama; apenas a futilidade comum dos dois explicará a camaradagem entre Allen of Hurtwood e Elias of Odhams; enquanto a população geral desse deserto pavoroso consistirá em todos os estrangeiros que abastecem os filmes com sua pieguice e seu sentimentalismo barato, todos os imbecis que servem a uma Imprensa degradada, todos os arquitetos e construtores de quinta categoria que transformaram o belo rosto da Inglaterra numa erupção vermelha de sarampo; todo o cortejo de pessoas que tiveram grandes oportunidades e as traíram por egotismo ou por ouro.

Argumenta-se contra nós que, de nosso modo arbitrário, roubaremos da humanidade, aqui e ali, os serviços de um grande homem. Esse não é nosso intuito. A humanidade é uma grande instituição e, se algum homem tiver grandes serviços a oferecer para seu avanço, será posto à prova por sua disposição de aplicar seus dons à tarefa de enriquecer a vida daquela parte da humanidade que compartilha com ele sua nacionalidade. Se a caridade começa em casa, quanto mais a necessidade?

Longe de se alinhar contra o gênio, o Fascismo exige que o gênio desça à terra e se coloque do lado daqueles que trabalham pelos interesses comuns de todos, mobilizado de modo que possa ajudar a dar direção imediata aos assuntos.

Assim, o Bernard Shaw do futuro não será nem suprimido, nem ignorado, nem tratado como bufão; será utilizado, sua imensa faculdade de crítica social recebendo pronto reconhecimento e contribuindo não apenas para o benefício da posteridade, mas para a solução dos problemas práticos de seu próprio tempo.

Se nossa civilização deve ser construída por esforço deliberado e planejamento consciente; se nossa vida nacional deve explorar todas as possibilidades de uma esplêndida caminhada, então já não podemos nos dar ao luxo de desprezar a cooperação de nossos grandes homens. Mas, por outro lado, os grandes homens serão incumbidos da responsabilidade de zelar para que seus poderes sejam usados para o avanço da vida coletiva da nação, e não como explosivos para fazê-la em pedaços.

Nossos opositores bradam contra nós que somos intolerantes à crítica. Isso não é verdade. A flexibilidade do Estado Corporativo foi concebida com o propósito de fazer o máximo uso da crítica, pois é apenas por esse meio que o impulso dinâmico de uma nação rumo a uma realização "grande" pode ser mantido. A única condição severa do Fascismo é que o crítico saiba que sua função o introduz desinteressadamente ao ideal do bem comum.

Somos intolerantes à crítica do amador e do tolo, porque, onde quer que tal crítica seja ouvida, é provável que o patife, o eterno "chantagista", esteja escondido atrás da cortina, cheio de sussurros fáceis, usando o crítico como instrumento com o qual criar divisão e conflito, para que possa pilhar, fora dos limites de uma economia planejada, entre as ruínas do Império.

Tal crítica nós ou destruiremos ou desviaremos para canais menos socialmente perigosos, e aqui novamente os admiráveis mecanismos do Estado Corporativo vêm em nosso auxílio. O Fascismo, ridicularizando a noção lunática da Democracia de que seu trabalhador rural é competente para emitir opinião sobre, digamos, os derradeiros entraves do seguro marítimo, insiste, sim, que ele seja ao menos competente para emitir uma opinião sobre o trabalho agrícola; e, portanto, fornece-lhe um sistema científico pelo qual essa opinião possa encontrar expressão, por mais suave

ou devastadora que seja. Desse modo, até o indivíduo mais insignificante poderá contribuir para o planejamento do Estado.

Tão infinitamente complexa é a organização do Estado moderno que a ameaça do amador e do incompetente deve ser levada decisivamente a termo. Seu lugar deve ser ocupado pelo especialista, não porque a formação de um técnico seja o objetivo final da força criadora, mas porque o experimento humano está condenado a menos que possa assegurar o primeiro objetivo, que é o estabelecimento de uma base satisfatória para o provimento das necessidades materiais da vida. Enquanto isso não for feito, o espírito do homem jaz em servidão a todo tipo de desgraça e loucura, das quais será resgatado apenas quando todo cidadão se tornar técnico a fim de dominar seu próprio ofício particular e correlacioná-lo ao trabalho do restante da comunidade. A unidade hoje não é apenas força, mas a âncora principal da sobrevivência.

Se parecemos destruir a liberdade, convém lembrar que a liberdade específica que destruímos é aquela que está destruindo a raça.

Em seu lugar, oferecemos a todos os homens e mulheres de boa vontade o direito de trabalhar com bravura, não apenas para manter o lobo afastado de suas próprias portas, mas ainda mais para construir na Grã-Bretanha uma vida corporativa que finalmente triunfará sobre as dificuldades do mundo material e libertará a personalidade humana para todas as aventuras que o espírito do homem ainda tem de empreender.

VI. A Vida Camisa-Negra.

Dir-se-á do revolucionário fascista que, antes de transformar a sociedade, transformou sua própria vida.

O avarento pode pregar a filantropia e sair impune; o devasso pode esgueirar-se pela escuridão e ainda assim ostentar a auréola de sua capela ou de sua igreja.

Mas o seu social-democrata não pode fazer o Fascismo. A impostura domina todas as entradas, menos esta.

O Fascismo não tolera lamúrias sobre “direitos.” O mais alto privilégio que concede é a renúncia aos “direitos.” Todos, exceto o direito de servir, de sofrer, de sacrificar-se.

“É mesmo!”, diz o social-democrata, e não se vê mais. Ficamos tão secos de lágrimas com sua partida quanto estaremos de olhar duro nos dias mais fáceis em que ele implorar licença para voltar.

Aqueles que servem ao Fascismo como revolucionários devem deixar de lado os confortos e a segurança. Essa é a menor das exigências que lhes são feitas. Noite após noite, sairão para falar, ou para proteger aqueles que falam contra o argumento das garrafas quebradas. Semana após semana, entregar-se-ão à rotina muito depois que a novidade tiver perdido o encanto.

E muito mais farão antes que o dia arduamente combatido seja vencido.

A vida oferece aos homens muitas distrações agradáveis, muitas oportunidades de fuga da aspereza dos fatos, muitos matizes sutis de experiência, muitas cores vivas. Todas elas, por ora, o fascista rejeita, não porque seja daltônico; não porque tenha uma mente bitolada, mas porque há uma revolução a fazer. Os alicerces da vida estão ameaçados, e a civilização, em sua crise, exige decisões em preto e branco. Não deve haver poses, nem demora ociosa à beira do caminho.

Aqueles que servem ao Fascismo como revolucionários devem deixar de lado os confortos e a segurança. Essa é a menor das exigências que lhes são feitas. Noite após noite, sairão para falar, ou para proteger aqueles que falam contra o argumento das garrafas quebradas. Semana após semana,

entregar-se-ão à rotina muito depois que a novidade tiver perdido o encanto.

E muito mais farão antes que o dia arduamente combatido seja vencido.

A vida oferece aos homens muitas distrações agradáveis, muitas oportunidades de fuga da aspereza dos fatos, muitos matizes sutis de experiência, muitas cores vivas. Todas elas, por ora, o fascista rejeita, não porque seja daltônico; não porque tenha uma mente bitolada, mas porque há uma revolução a fazer. Os alicerces da vida estão ameaçados, e a civilização, em sua crise, exige decisões em preto e branco. Não deve haver poses, nem demora ociosa à beira do caminho.

Não deve haver poses, nem demora ociosa à beira do caminho. Nestes dias duros da batalha pela sobrevivência, há mais a resolver do que palavras cruzadas. Fantasias agradáveis, devaneios, pequenas curiosidades do saber, todas as coisas que enfeitam as páginas do *Observer* — essas são as melodias daqueles que tocam enquanto a alma do homem arde na fogueira.

Pobres tocadores! Não conseguem ver a conflagração, tão enfeitiçados estão pela música que fazem. *Flâneurs* tão eficazes quanto borboletas num vendaval!

Os revolucionários fascistas não colhem flores nesses campos bonitos. Há um trabalho a ser feito que transcende palavras cruzadas e cartas ao *Observer* — um trabalho que não ficará marcando passo enquanto dardos são lançados ou fios de cabelo filosóficos são meticulosamente partidos ao meio; um trabalho que não se põe a cortejar a crítica de arte ou o tênis de mesa, e que independe dos resultados das “três e meia” ou da respiração ofegante dos cães no rastro de uma lebre elétrica.

Essas coisas, sem dúvida, são coisas boas; não adotamos nenhuma “atitude moral” em relação a elas. Mas conhecemos a força do vendaval que sopra, e não temos energia excedente para poupar. Abrimos nosso caminho direto através dos babados e enfeites dos tempos, e ainda assim nosso maior sacrifício não foi feito.

O chiste disparado com malícia agrada aos homens. É agradável ver tirarem o vento das velas de nossos colegas; é prazeroso vê-los crivados pelos floretes da sátira. Podem ser nossos amigos, mas o ego não fica menos apaziguado por isso — nosso ego insignificante, que busca avultar imenso acima da estatura diminuída dos bons companheiros que estão alinhados de um lado.

Aqui nos aproximamos de nosso maior sacrifício. Aprendemos a desprezar esses prazeres, a aplaudir a frase melhor, o argumento mais claro; a procurar o brilho e a bravura de nossos camaradas para resistir à tentação de nos exaltar às custas deles.

O ego mimado clama por reconhecimento, e é inteiramente inescrupuloso. Satisfaz-se com suas próprias aparências, indiferente aos fatos que essas aparências ocultam. Entregue a si mesmo, deleita-se a cada hora numa orgia de autoexibição.

E a vitória virá a nós porque, por meio de uma disciplina implacável, resistimos a esses prazeres perniciosos e entregamos nosso ego inteiramente à causa que servimos.

Essa é a medida de sacrifício que nos orgulhamos de fazer.

7. O Princípio da Liderança. Mesmo nestes dias putrescentes da vida-em-morte da democracia, uma emergência ainda tem o poder de pôr o homem capaz no comando. Quando um navio naufraga, ou um edifício está em chamas, ou o pânico toma conta de um corpo de tropas em ação, a autoridade devidamente constituída age peremptoriamente e se vê obedecida.

Ou, se a autoridade for incompetente para lidar com a crise, então um líder natural quase sempre surge em sua falta para assumir o comando. O capitão cujo navio está afundando não envia um rádio a Whitehall pedindo instruções. O chefe de uma brigada de incêndio não exige uma Comissão Real para decidir quais janelas de um edifício em chamas devem ser quebradas primeiro. O subalterno no comando de tropas seriamente abaladas não telefona ao Gabinete de Guerra em busca de conselho. E, se o subalterno e seus "suboficiais" forem abatidos, será um pelotão pobre aquele que não conseguir produzir um soldado raso capaz de assumir o comando.

O capitão cujo navio está afundando não envia uma mensagem por rádio a Whitehall pedindo instruções. O chefe de um corpo de bombeiros não exige uma Comissão Real para decidir quais janelas de um prédio em chamas devem ser quebradas primeiro. O oficial subalterno no comando de tropas seriamente abaladas não telefona ao Gabinete de Guerra em busca de conselho.

E, se o oficial subalterno e seus "graduados" forem abatidos, será um pobre pelotão aquele que não conseguir produzir um soldado raso capaz de assumir o comando.

Mesmo naquele importantíssimo departamento da vida imperial conhecido como "esporte", o princípio da liderança ainda é mantido, de todo modo, na medida em que o capitão em campo pode mudar o arremesso sem convocar o comitê de seleção ou entrar em contato com o secretário para os Domínios. Tendências recentes mostram que esse princípio está se enfraquecendo, e que um dia talvez vejamos o Sr. J. H. Thomas, em nome da unidade imperial, transmitindo vigorosamente, por

sinais da arquibancada, instruções ao capitão sobre que tipo de arremesso nossos visitantes dos Domínios provavelmente apreciarão mais.

No momento, porém, o capitão está livre para prosseguir com o jogo, sem interferência durante o andamento efetivo da partida.

Somente na administração da vida política e econômica da nação é que o princípio da liderança é ignorado, pela boa (ou má) razão de que um governo democrático que se esforçasse por governar em benefício de todos pisaria com tanta força nos calos da parcela específica desse todo que lhe deu o poder que o clamor resultante o veria ser expulso do cargo às pressas e em desordem. Assim, governos dessa espécie representam a negação da liderança, e estão condenados a seguir sempre, abjetamente, aos pés de seu senhor.

Igualmente miserável é a situação do parlamentar comum que, por um lado, não ousa desobedecer aos chefes de disciplina de seu Partido e, por outro, morre de medo de dizer ou fazer a menor coisa que possa afastar qualquer grupo de apoiadores em seu distrito eleitoral, por menor que seja o grupo ou por mais forte que seja sua convicção—caso algum dia venha a ter uma convicção, o que é raro.

Não é de admirar que os falsos “líderes” que surgem em tais circunstâncias sejam aqueles mais versados nas artes do compromisso, da camuflagem e de todos os múltiplos artifícios da astúcia rasteira.

A única feliz revelação proporcionada por nosso obsoleto sistema parlamentar é que o povo da Grã-Bretanha demonstra, em época de eleição, um desejo muito profundo e sincero por liderança, por mais lamentavelmente pervertida que possa ser a expressão desse desejo. Durante algumas semanas, o candidato é aplaudido e aclamado quase como um super-homem—a raiz e a coroa do desejo popular. Ele pode ser, e frequentemente é, um patife plausível e oportunista, mas isso não impede sua sublimação pelo eleitorado na encarnação e objetivo supremo de suas esperanças.

Isso mostra com muita clareza que, quando se arrancar dos olhos dos britânicos a venda, de modo que vejam como uma liderança falsa abusou

por completo de sua confiança, eles serão elevados a alturas estupendas de entusiasmo, e inspirados a grandes esforços, pela chegada de um verdadeiro líder que tenha a coragem, a capacidade e a visão de abrir para eles um caminho através dos emaranhados crescimentos de corrupção e decadência que, no momento, os cercam e os isolam da decência e da grandeza da vida.

Se há algo a ser discernido nos Camisas-Negras é uma confiança imensurável, pois sabemos que esse líder já veio entre nós; porque olhamos nos olhos dele e não tememos mais pelo futuro de nossa raça.

VIII. As Luzes de Londres.

Aqui está o coração da capital do Império: um espetáculo de fogo. Fogo que corre, salta e dá cambalhotas cintilantes—proporcionando as iluminações da maior de todas as cidades do mundo.

Não um fogo furioso, caprichoso, que não serve a nenhum propósito humano, mas um fogo instruído por modernos magos para soletrar mensagens aos povos do Império que seguem seus caminhos no brilho da noite londrina.

Bem poderia seu visitante marciano ver seu assombro diante do espetáculo ser engolido por um desejo febril de saber que poderosas notícias estão sendo lançadas aos olhos e às mentes dos homens. A solução para o enigma do universo certamente estaria contida em sua primeira conjectura, pois que mensagem menor poderia justificar o emprego de letras de chama que outrora anunciaram as leis do Céu para o governo da terra?

Pobre conjectura, que fica muito aquém da verdade resplandecente! Não faltarão tutores zombeteiros para corrigir o marciano. A ele será dito que a humanidade se elevou acima de todos os mistérios cósmicos; que suas aspirações, seus medos e suas realizações foram reunidos e treinados para um objetivo ainda mais transcendental—a civilização comercial *de luxe*, na qual os homens estão destinados a tornar-se cada vez mais em sintonia com o infinito à medida que seus lucros se acumulam e suas almas redundantes se deterioram.

Os guardiões do mundo moderno, fiéis ao seu encargo, não permitirão que a humanidade seja vendida por mera abstração, nem que desperdice seu tempo precioso com pensamentos tolos sobre o bem e o mal. Eles servem a uma realidade, e a servem com fidelidade inabalável até morrerem—a realidade dos dividendos.

O homem já foi definido como animal pensante, animal que ora, animal que usa instrumentos, como todo tipo de animal sob o sol, mas

essas definições obscureceram a única verdade deslumbrante—que o homem é um animal comprador.

É mérito da nossa civilização contemporânea não apenas que essa verdade tenha sido lembrada, mas que tenha sido gravada a fogo na memória de nosso tempo por todas as mensagens flamejantes de fogo que galopam a toda pressa, orgulhosas como cavalaria, até os olhos, de todos os pontos de observação da cidade.

Só um simplório faria a inteligência humana perder tempo investigando os mistérios estéreis da eternidade. Será que ele não sabe que há conhecimento verdadeiramente majestoso a ser obtido no aqui e agora? Por exemplo, será que ele não sabe que “Brown’s é a Stout—Para Bradar—Aos Quatro Ventos!”?

O sacerdote de outrora convocava os fiéis a rezar. Os sacerdotes esclarecidos de hoje—a esplêndida hierarquia daqueles que vendem—convocam, em voz mais alta, os fiéis, exigindo que comprem. E o antigo ritual da chama é invocado de novo, agora para enunciar a verdade maior de que “Brown’s é a Stout—Para Bradar—Aos Quatro Ventos!”

E, sem dúvida, com o tempo, os povos imperiais adotarão o cântico místico, despejando seus sacrifícios aos pés do Sr. Brown. Enquanto isso, percorrem as ruas impressionados com o redemoinho de esplendor do fogo, sentindo que, de algum modo, também são iniciados nos grandes mistérios comerciais.

Se muitos deles têm consciência de seu reduzido poder de compra, o que torna seus sacrifícios aos sacerdotes tão indignos, não lhes falta compensação. Arcádia continua à sua disposição. Alguns migram, à noite, da rusticidade modificada de Camberwell Green para os amplos espaços abertos de Hyde Park, onde o chamado das luzes pode ser esquecido enquanto seguram as mãos de suas parceiras e permitem que o trinado de canções românticas americanas domine um breve espaço de suas vidas: seu simulacro sentimental de sexo, policiado e mantido respeitável pela vigilância incessante da lei.

Outros escapam do clarão das ruas pagando ingresso para templos onde as luzes são solidárias e discretas, e onde os machões em potencial entre eles podem galopar por procuração no dorso de magníficos garanhões em socorro de donzelas das pradarias em perigo, enquanto as mulheres em potencial, na fantasia, desfalecem sob as bravas barbas de xeiques do deserto, misericordiosamente divorciados de seus odores desérticos.

Ainda assim, para os sensíveis de narinas, haverá outro cheiro, ainda menos agradável ao olfato.

E, na manhã seguinte, antes que os povos imperiais saiam para trabalhar por seus sacerdotes (pois devem trabalhar, além de comprar), o jornal barato chega com novos suprimentos de narcótico, na forma das sensações do mundo, diligentemente colhidas por telefone e telégrafo sem fio, ladeadas pelos anúncios dos infatigáveis sacerdotes cujo destino cósmico é vender, vender, vender.

E à noite—de novo o clarão dos fogos sagrados saltando sobre as paredes da cidade.

Esta é a liberdade do povo. Libertos de sua paisagem e de seu solo, de sua tradição e de sua herança, da personalidade e da vida, em troca dessa liberdade servem como escravos aos sumos sacerdotes do comércio e da usura, cujos antepassados não lutaram em Agincourt.

Mas apenas por enquanto. Eles ainda não estão mortos. Ainda conseguem compreender um fogo que se recusa a exibir na muralha a mensagem flamejante de que “Brown’s é a Stout—Para Bradar—Aos Quatro Ventos!” É um fogo que brilha dentro deles e que um dia saltará insurgente para a sua vingança—o fogo que é a alma da Grã-Bretanha.

Antes que o dia amanheça, os sacerdotes que conspurcam o espetáculo da nossa vida deveriam estar com suas malas arrumadas e esperando no vestíbulo. . .

IX. Aos Guerreiros Mortos do Império.

Vocês se lembrarão de que, quando o navio de transporte de tropas avançava em sua travessia do Canal e os ventos da tarde brincavam de luta desordenada com seus cabelos, vocês olhavam fixamente para a frente, de olhos destemidos, não apenas para a aventura destinada a engoli-los, mas para um tempo em que a vida dos homens fosse tão heroica quanto suas mortes.

De pé ali no convés, com o inexorável destino da batalha trazido para mais perto a cada respiração, vocês viram diante de si a visão de um futuro que não guardava lugar para as sórdidas futilidades do passado—um futuro santificado pela agonia ensanguentada e coberta de lama dos campos da França e dedicado para sempre às mais nobres aspirações de sua raça.

Ao olhar para trás, para os destroços dos anos que contemplamos, vemos não apenas a traição organizada à causa de vocês, mas o cinismo hediondo e calculado com que ela é acompanhada. À memória de vocês ergueram o Cenotáfio, mas ao FUTURO de sua visão nada construíram. Seu sacrifício—um milhão de vidas—não foi espetacular o bastante para garantir que o esplendor de seu espírito fosse captado e consagrado na vida da nação que vocês salvaram.

Tal caminho teria envolvido sacrifício por parte dos senhores da situação, dos Sábios Políticos e dos Senhores dos Negócios, e vocês estariam faltando com o respeito a homens de tão alta importância se esperassem deles até mesmo a menor renúncia ao que lhes é devido. Vocês entregaram suas vidas, é verdade, mas que propósito haveria nisso se não fosse para garantir que ainda houvesse lucros, e que o poder político continuasse doce para aqueles privilegiados a provar de seu fruto?

Repousem, bravos camaradas!

Foi bom que os últimos sons a reverberar por sua consciência mortal tenham sido o trovão da barragem de artilharia e o estrépito das metralhadoras, pois havia nisso uma música mais nobre do que os uivos de chacal daqueles que vieram consolidar a Paz e engordar com seus ganhos.

É bom que vocês não tenham visto o propósito coeso se desvanecer, a camaradagem se dissolver e o Veio Amarelo, florescendo num casaco de muitas cores esplêndidas, erguer-se para assumir o comando.

É bom, com toda a certeza é bom, que vocês não tenham visto sua terra natal ser transformada como que por magia num monstruoso *palais de danse*, com toda espécie de "rufião" comercial encontrando um parceiro em meio a todo tipo de "maracutaia" política, e chutando alegremente os calcanhares para o ar para celebrar o aviltamento e a vulgarização da vida a níveis em que os senhores e mestres não poderiam deixar de se sentir em casa.

E quanto a nós, seus irmãos de armas? Não recai sobre nós nenhuma censura, por termos ficado de lado enquanto todo valor que prezávamos era escarnecidamente lançado fora ou então posto a balançar diante de nós por interesseiros e cínicos que não tinham outro propósito senão explorar nossa fidelidade para fins alheios aos nossos?

Só podemos dizer que éramos jovens, dispersos e pateticamente confiantes nos líderes que nos fizeram promessas luminosas e que, sob o manto dessas promessas, serviram a um único objetivo—a todo custo, manter-se no poder. Passou-se muito tempo antes de descobrirmos que, para alcançar esse resultado, não havia política de compromisso ou rendição diante da qual esses líderes se recusassem a parar.

Por um lado, ofereceram-nos um patriotismo reles, um chamado não para construir uma Grã-Bretanha mais nobre e mais limpa, mas para manter uma Grã-Bretanha ignóbil em estado de reparo por remendos, e para conservar tudo o que havia de mesquinho, ganancioso e economicamente perverso, de modo que a riqueza e o privilégio de uns poucos ainda pudessem sobreviver. Por outro lado, ofereceram-nos um internacionalismo seboso, a guerra de classes, a Ditadura do Proletariado e todos os outros males do sonho socialista.

À medida que essas duas alternativas se aproximavam em casamentos de conveniência arranjados, vimo-nos ainda mais longe na escuridão e, em

sua maior parte, resignamo-nos ao que parecia ser a derrota inevitável de nossa raça outrora viril e majestosa.

Se os registros terminassem aqui, dariam uma leitura apenas triste. Mas não terminam aqui.

Se os registros terminassem aqui, dariam uma leitura apenas triste. Mas não terminam aqui.

Quando nossa necessidade era mais urgente, e nossa posição a mais desesperadora, ficamos assombrados ao ver surgir, de uma miscelânea de “falsos” líderes, um líder que não era falso. Ele pertencia à nossa própria camaradagem de guerra, viu como nós vimos e sentiu como nós sentimos, só que com uma luminosidade mais intensa.

Ele convocou a cruzada.

Ele nos convocou a segui-lo numa investida contra a maior e mais entrincheirada conspiração social que o mundo já conheceu. Convocou-nos a destruir a farsa organizada que se disfarçava de nossa “vida nacional”. Convocou-nos a pôr de lado nossas dúvidas, a renunciar ao nosso conforto, e mais uma vez assumir a dura luta pela Grã-Bretanha, desta vez para salvar sua alma.

Inspirados por sua coragem intrépida, animados pelo poder de sua personalidade e impelidos pelo vigor soberbo de sua mente, apressamo-nos a responder, um a um, dezena por dezena, centena por centena, e depois milhar por milhar; de modo que hoje o trovão de nossa marcha, lado a lado com a flor da juventude da nação, ressoou por toda a terra.

Na força de nosso credo, passaremos triunfalmente pelo ridículo, pelos insultos e pela violência, para libertar o povo de nossa nação das tiranias sórdidas que o oprimem e corrompem, e para pôr diante dele um ideal de serviço à sua pátria como nunca conheceu antes.

Somos os fascistas da Grã-Bretanha. Surgimos no cenário nacional como desafiadores de todos os fatores que significam decadência. Desafiamos a noção de que os homens devem, por necessidade, viver muito abaixo do nível de sua própria realização transcendente. Desafiamos

os mercadores do lucro e os promotores da guerra de classes, e ordenamos que cedam diante de nossa causa. Planejamos uma nação unida, na qual haverá riqueza e igualdade para todos. Não há espaço para qualquer outro "plano", nem lugar para qualquer outra "causa".

Levamos conosco, como uma posse sagrada, a memória do espírito que ardeu em vocês quando se lançaram sobre a morte como um atleta sobre a bola. Se o esforço humano servir de algo, essa chama servirá como farol para irradiar os corações dos britânicos por muitos anos vindouros, e para brilhar através dos mares como garantia a seus filhos e filhas de que a Mãe-Pátria, ressurgente e vital, reassumiu a liderança na vanguarda das poderosas nações do mundo.